



**PESQUISA PARTICIPANTE E A EDUCAÇÃO POPULAR:
luta e resistência a partir de Paulo Freire e de educadoras populares**

Fernanda dos Santos Paulo¹
Carlos Rodrigues Brandão²

Resumo:

O texto busca refletir acerca das experiências de Pesquisas Participantes inspiradas na fundamentação da Educação Popular freiriana que se originam na perspectiva de uma epistemologia de resistência contra as práticas dominantes de educação. Esses espaços, na sua grande maioria, são os Movimentos Sociais Populares. E, a Educação Popular é a fundamentação da Pesquisa Participante, opção metodológica de investigação da realidade. Utilizamos uma pesquisa bibliográfica com uso de documentos (fotos e jornais) que identificam, apresentam e expressam a presença de Paulo Freire, a partir da Pedagogia do Oprimido, nas experiências político-pedagógicas de lutas. Objetiva-se identificar as aproximações entre a Educação Popular freiriana e a Pesquisa Participante. O espaço de investigação é os Movimentos Sociais Populares. Muitas vezes, a Educação Popular é compreendida como educação não escolar, mas aqui a concebemos como educação libertadora, insurgente e de resistência. Geralmente, a Pesquisa Participante é posta em prática dentro dos Movimentos Sociais Populares como alternativa metodológica, mas demonstramos que ela pode e deve fazer parte da universidade. Constatamos que a opção pela Pesquisa Participante reafirma o compromisso social, político e pedagógico do (a) educador (a) com a comunidade, principalmente na construção de um saber partilhado, significativo, preeminente e transformador.

Palavras-chave:

Paulo Freire. Pesquisa Participante. Educação Popular. Movimentos Sociais Populares.

**INVESTIGACIÓN PARTICIPANTE Y LA EDUCACIÓN POPULAR:
lucha y resistencia a partir de Paulo Freire y de educadoras populares**

Resumen:

El texto busca reflexionar acerca de las experiencias de Investigaciones Participantes inspiradas en la fundamentación de la Educación Popular freiriana que se originan en la perspectiva de una epistemología de resistencia contra las prácticas dominantes de educación. Estos espacios, en su gran mayoría, son los Movimientos Sociales Populares y la Educación Popular es la fundamentación de la Investigación Participante que es una opción metodológica de investigación de la realidad. En el caso de las mujeres, las mujeres y las

1 Doutora em Educação. Militante do Movimento de Educação Popular e professora do PPGed-Unoesc. E-mail: fernandaeja@yahoo.com.br.

2 Doutor da Unicamp. Militante da/na Rosa dos Ventos, espaço coletivo de formação e convivência comunitária.



mujeres, en el caso de las mujeres, en las mujeres. Se pretende identificar los acercamientos entre la Educación Popular freiriana y la Investigación Participante. El espacio de investigación es los Movimientos Sociales Populares. Muchas veces, la Educación Popular es comprendida como educación no escolar, pero aquí la concebimos como educación liberadora, insurgente y de resistencia. Generalmente, la Investigación Participante es puesta en práctica dentro de los Movimientos Sociales Populares como alternativa metodológica, pero demostramos que ella puede y debe formar parte de la universidad. Se constató que la opción por la Investigación Participante reafirma el compromiso social, político y pedagógico del (a) educador (a) con la comunidad, principalmente en la construcción de un saber compartido, significativo, preeminente y transformador.

Palabras clave:

Paulo Freire. Búsqueda Participante. Educación Popular. Movimientos Sociales Populares.

Palavras iniciais

Tomemos como base o livro *Pedagogia do Oprimido* (1987) o qual vincula a pesquisa como prática de participação e de engajamento dos sujeitos no processo de investigação do seu universo vocabular, ou seja, do seu mundo da vida. Nesse livro, localizamos o compromisso de uma metodologia participativa que possibilita, não só o anúncio e a denúncia das opressões, mas de práticas que pretendem a transformação social. Então, podemos reiterar que um dos princípios da Educação Popular freiriana é o da *ação politizadora*.

As propostas de *pesquisas participantes* defendem uma *relação dialógica* entre os sujeitos na mediação: diálogo-organização-engajamento e luta. Nesse sentido, lembremos as experiências dos Movimentos Sociais Populares que nos ensinam que o sinônimo concreto da *Pedagogia do Oprimido* é a *Pedagogia das Marchas*, também conhecida por *Pedagogia da Militância* (Paulo, 2018).

Na *pesquisa participante*, o princípio da *ação politizadora*, por meio do processo de investigação, não corresponde aos métodos tradicionais de pesquisas científicas, porque esta é uma alternativa no campo da Educação Popular com compromisso social, político e pedagógico com a comunidade da qual trabalhamos na construção de um saber partilhado e significativo.

O ponto de origem da relação entre *Pesquisa Participante* e Educação Popular situa-se em uma proposta de pesquisa da realidade social numa perspectiva da transformação social



(Brandão, 1999). Transformação que se realiza em um processo dialógico na práxis pedagógicas e política de resistência e luta contra o projeto dominante de educação e de sociedade. Quer dizer:

A palavra é entendida, aqui, como palavra e ação; não é o termo que assinala arbitrariamente um pensamento que, por sua vez, discorre separado da existência. É significação produzida pelas “práxis”, palavra cuja discursividade flui da historicidade – palavra viva e dinâmica, não categoria inerte, exâmine. Palavra que diz e transforma o mundo (FREIRE, 1987, p. 11).

Essa é uma das identificações das aproximações entre a Pesquisa Participante inspirada na fundamentação da Educação Popular freiriana. Dizer a *palavra comprometida* é o outro princípio da Pesquisa Participante, o qual se coloca como oposição da *realidade domesticadora*, do *blábláblá* e do *ativismo* acrítico ou de uma *falsa generosidade* que separa a teoria da prática e considera a palavra como instrumental e não como empoderamento (Freire, 1987).

2. Educação popular e a pesquisa participante: experiências dos movimentos sociais populares

“[...] conhecer o mundo de mãos dadas com a sua transformação.” (BRANDÃO, 2006, p. 9).

Os Movimentos Sociais Populares são os maiores promotores da produção de pesquisas participantes inspiradas na Educação Popular. A Educação Popular crítica se caracteriza por essa relação participar-partilhar e aprender-transformando, na vinculação entre Teoria e Prática (Freire; Nogueira, 1983; Brandão, 2006; Paulo, 2013).

Percebemos, nas nossas experiências, que a Educação Popular e a Pesquisa Participante são, originalmente, uma alternativa metodológica dos Movimentos Sociais Populares. Constatamos que Paulo Freire é a fundamentação principal da Educação Popular nos Movimentos Sociais Populares que assumem o compromisso social, político e pedagógico na construção de um saber partilhado e significativo na transformação social da realidade. Predominantemente, nesses espaços políticos, a Pesquisa Participante investiga o universo cultural e social das comunidades, cujo objetivo é promover espaços de participação crítica e reflexiva, via formação político-pedagógica, com vistas a transformação social. Por isso, as



aproximações entre a Educação Popular freiriana e a Pesquisa Participante dão-se, sobretudo a partir da:

1. Compreensão de que os Movimentos Sociais Populares são espaços de formação, portanto educativos;
2. Percepção da realidade local enquanto uma totalidade que não está separada de um projeto de sociedade;
3. Participação que requer ações coletivas que integrem anúncio e denúncia em suas diferentes dimensões: social, política, pedagógica e ética;
4. Concepção de que a dimensão histórica compõe parte da análise da investigação da realidade social;

Com tais características, reafirmamos que princípios da Educação Popular freiriana e da Pesquisa Participante são a *ação politizadora* e a *palavra comprometida*, imbricados pelas dimensões acima citadas e pelas lutas e resistências dos Movimentos Sociais Populares.

2.1 O movimento de educação popular e a relação com a formação de educadores populares

O Movimento de Educação Popular e a Associação de Educadores Populares de Porto Alegre no Rio Grande do Sul (AEPPA-RS) são espaços coletivos que desenvolvem formação político-pedagógica na militância. A formação destinada a educadores que trabalham em contextos escolares e não escolares visa construir uma Pedagogia da Militância, emergida do contexto do trabalho de educadores, cujo objetivo é ocupar a universidade buscando formação profissional em diálogo com a Educação Popular. Esses movimentos surgem, na capital gaúcha, nos finais dos anos de 1990, quando é promulgado o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996. Esses dois arcabouços jurídicos sustentaram a luta de mulheres que atuavam em espaços educativos, cuidando de crianças (creches comunitárias) e de adolescentes (Extra classe).

Atualmente, em Porto Alegre há mais de 215 Instituições de Educação Infantil, parcerias do município de Porto Alegre – RS e dezenas de Instituições que oferecem educação em contexto não escolar através do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos.



São nestas instituições que as educadoras da AEPPA estão vinculadas, cuja maioria não possui formação profissional: curso de magistério ou pedagogia.

O movimento popular, em seus espaços de formação político-pedagógica discute temas demandados pelos educadores participantes do Grupo de Estudos e Pesquisas: Paulo Freire e a Educação Popular da AEPPA, tais como: 1) Estado e Educação Popular; 2) Trabalho, Reforma do Estado e as políticas sociais; 3) Educação Popular e suas múltiplas concepções; 3) Educadores populares, militância e movimento popular; 4) Educação não escolar, educadores sociais, formação e Educação Popular.

Esses temas são desdobrados em temáticas específicas e trabalhados na formação geral (bimestral) e nos núcleos temáticos separados por espaço de atuação (Educação escolar e educação não escolar). Destes encontros de estudos são gerados uma série de agendas, entre elas, ações de mobilização do Grupo de Trabalho (GT): Educação Popular e Universidade. Este grupo faz contato com as universidades públicas, apresenta a demanda por formação específica e reivindica espaços de diálogos sobre suas pautas. Também se articula nas agendas estaduais, buscando compreender, discutir e combater o trabalho precarizado a partir das parcerias público-privadas (Instituições conveniadas – parceiras do poder público).

O conjunto de ações desenvolvidas bimestralmente são relatadas em uma reunião geral, aberta a quem deseja participar do debate sobre Educação Popular e seus temas emergentes.



A foto acima explicita o movimento de educadoras exigindo do poder público condições pedagógicas para a realização de suas atividades laborais, formação, reconhecimento e



valorização como trabalhadoras da educação. Além disto, reivindicam do poder público o direito a formação profissional.

Conforme Paulo (2010; 2013) esses movimentos de resistência emergiram das lutas populares e, neste caso, uma das grandes reivindicações foi a formação profissional em nível médio (curso normal) e em nível superior (pedagogia), ambas na perspectiva da Educação Popular. Primeiro, o movimento conquistou o curso normal com currículo construído junto com o poder público municipal. Essa conquista foi resultado de muitas reuniões, estudos, pesquisas e mobilizações. A pesquisa Participante foi a metodologia utilizada sob inspiração da Educação Popular e de Paulo Freire. Carlos Rodrigues Brandão foi o primeiro palestrante da Associação de Educadores Populares de Porto Alegre (AEPPA), como podemos ver a foto abaixo:

FONTE: MEMORIAL AEPPA



PRIMEIRO SEMINÁRIO DA AEPPA- GESTÃO MARIA EDI

O movimento das educadoras populares circulou todos os bairros de Porto Alegre e com ele o tema da Educação Popular. A Pesquisa participante colaborou para a organização de cursos com perspectiva na Educação Popular a partir de temas advindos do mundo do trabalho e da militância em movimentos comunitários. Foram conquistados cursos com projeto e currículos construídos entre Universidade e Movimentos Social Popular, como foram os casos da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) e a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Além disto, outras universidades ao realizarem convênio com a Aeppa incluíam temas dos movimentos sociais populares no



currículo dos seus cursos, como por exemplo a Educação popular e educação não escolar no Centro Universitário Metodista Sul (IPA).

Atualmente, na cidade de Porto Alegre, a maioria dos educadores possui pouca escolaridade, pois o número de instituições que executam políticas de educação e de assistência social aumentou e as condições estruturais das entidades são limitadas. Além disto, os recursos financeiros são insuficientes e os salários dos educadores são precários (de 1 a 1.5 salários mínimos para 44h semanais).

Junto com a questão da formação de educadores surgiu o tema do trabalho, e mais uma vez, a Pesquisa Participante vem contribuindo para o aprofundamento temático sobre que formação queremos, para que e como a queremos.

Os dados coletados da realidade possuem reconhecimento no movimento popular e algumas educadoras e educadores vem, mesmo em quantidade muito pequena, acessando alguns espaços acadêmicos: graduação (+ de 400), especialização (+ de 40), mestrado (3) e doutorado (1). Nestes espaços buscam investigar as suas realidades de trabalho e de militância em consonância com o referencial teórico da Educação Popular, principalmente associado as políticas educacionais

As educadoras e os educadores populares levam às reuniões (locais e geral) da Aeppa as demandas advindas das suas atividades socioeducativas, tanto da comunidade, do trabalho quanto da formação. Para tanto, estudam temas gerais advindos das temáticas discutidas nos núcleos temáticos, no Grupo de Estudos e de Pesquisas: Paulo Freire e Educação Popular e do contexto político conjuntural e estrutural do mundo do trabalho: educação popular, movimentos sociais, metodologias participativas, políticas públicas e suas legislações: educação e à assistência social. O movimento possui um grupo de estudos e pesquisas vinculadas ao projeto: Paulo Freire e Educação Popular. Nos encontros estudam Freire em diálogo com outros autores. No Movimento de Educação Popular (MEP), a Aeppa é a instituição que formaliza o processo formativo. Também, conquistou-se três cursos de extensão para estudar os temas da Educação Popular: na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/ Faced) e no Instituto Federal do Rio Grande do Sul - campus Restinga.

Podemos observar, abaixo, parte da recuperação histórica das experiências de lutas das educadoras e educadores populares que, mediadas pela Educação Popular e a Pesquisa Participante, continuam lutando pelo direito a viver com dignidade resistindo ao projeto de



sociedade e educação opressores. Constam a seguir fragmentos de jornais, um relato de educadores registrado em diário e uma foto de educadoras populares do curso de Pedagogia com ênfase em Educação Popular, realizado na PUC-RS.

ENSINO

SEGUNDA-FEIRA, 2 de janeiro de 2006 — 3

Educador popular busca formação

Estudos no Ensino Médio/Magistério e na universidade qualificam profissionais de Porto Alegre

Maria José Vasconcelos

Com o Ensino formal e a rede de assistência em descompasso com o crescimento urbano e social, instituições comunitárias têm buscado alternativas para a superação de obstáculos diários. Em Porto Alegre, nos últimos anos, comunidades organizadas abriram espaço à atuação dos educadores populares, que hoje já superam o mero atendimento a uma necessidade comunitária específica, partindo para a conquista por capacitação profissional. Ensino Médio com formação em Magistério e estudos em nível Superior público e privado são vitórias que fecham o ano contabilizando sucesso e projetando avanços (tabela).

A presidente da Associação dos Educadores Populares de Porto Alegre (Aeppa), Tamar Gomes de Oliveira, lembra que a entidade, que completou 10 anos congregando cerca de 300 sócios, teve sua criação ligada às discussões nacionais da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/96), que, entre outras questões, deliberou sobre a importância da formação docente. Com ação voltada a garantir condição de trabalho e capacitação, especialmente a educadores de creches, a Aeppa

tem obtido êxito também no apoio a trabalhadores de Educação de Jovens e Adultos (Mova e Seja), de reforço escolar, atendimento socioeducativo, oficinas ligados à rede de assistência e Educação comunitária. Convênios com a prefeitura da Capital permitiram o funcionamento e a ampliação de diversas entidades em comunidades.

Em 2001, após fases de organização, debates e tratativas, parceria com o poder público viabilizou o ingresso da 1ª turma de educadores populares no curso de Ensino Médio/Magistério da Escola Municipal Emilio Meyer. No ano seguinte, a oferta de vagas para a formação de professores foi estendida na Escola Municipal Liberato Salzano. Em 2004, Tamar integrou a primeira turma de educadores que se formaram no Magistério. Entre estudantes e formados nessa área, nas duas escolas, totalizam cerca de 600 educadores. No Ensino Superior, as vagas iniciais foram conquistadas em 2002, na Uerj. As perspectivas acadêmicas, pelos convênios já firmados e em negociação, giram em torno de 300 vagas.

No final de dezembro último, a Uerj renovou

Conquistas na escolarização

Ano	Instituição de Ensino	Vagas
2001	Escola Munic. Emilio Meyer	90 (anual)
2002	Escola Munic. Liberato Salzano	45 (anual)
2002	Uerj	150 (p/ 4 anos)
2005/2006	IPA	18 (2ª sem. 2005) 23 (1ª sem. 2006)
2006	Ijes (Séigné)	1 (1ª sem. 2006)
2006	*PUCRS	120 (anual)

* Convênio em estudo para possível oferta de vagas em 2006

o convênio, assegurando os estudos em andamento, mas Tamar revela que não foram abertas mais turmas na Universidade Estadual. Com o IPA, as bolsas em filantropia deste ano devem ser ampliadas em 2006, com oportunidade de estudos em diversos cursos, não só de licenciatura. Na PUC, está em fase de negociação e ajuste a criação do curso de Pedagogia/Educação Infantil e em Anos Iniciais com referencial em Educação Popular. E o acerto mais recente foi estabelecido com o Instituto Superior de Educação do Séigné (Ijes), aberto em 2005, mas já oferecendo uma de suas 80 vagas para educador popular.



CORREIO DO POVO ENSINO SEGUNDA-FEIRA, 2 de janeiro de 2006 — 3

torno de 500 mil para 1.765 cursos.

Para concorrer a uma bolsa de estudos do ProUni, o interessado pode consultar, na inscrição, o número de candidatos e a nota que seria preciso ter tirado no Enem para conseguir o benefício no curso desejado. A divulgação do número de pretendentes aumenta as chances do interessado. "O candidato pode optar por outro curso menos disputado, caso não tenha nota suficiente", explica o diretor de Modernização e Programas da Educação Superior do MEC, Celso Carneiro Ribeiro.

específica, partindo para a conquista por capacitação profissional. Ensino Médio com formação em Magistério e estudos em nível Superior público e privado são vitórias que fecham o ano contabilizando sucesso e projetando avanços (tabela).

A presidente da Associação dos Educadores Populares de Porto Alegre (Aeppa), Tamar Gomes de Oliveira, lembra que a entidade, que completou 10 anos congregando cerca de 300 sócios, teve sua criação ligada às discussões nacionais da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/96), que, entre outras questões, deliberou sobre a importância da formação docente. Com ação voltada a garantir condição de trabalho e capacitação, especialmente a educadores de creches, a Aeppa

em 2002, após longo processo de organização, debates e tratativas, parceria com o poder público viabilizou o ingresso da 1ª turma de educadores populares no curso de Ensino Médio/Magistério da Escola Municipal Emilio Meyer. No ano seguinte, a oferta de vagas para a formação de professores foi estendida na Escola Municipal Liberato Salzano. Em 2004, Tamar integrou a primeira turma de educadores que se formaram no Magistério. Entre estudantes e formados nessa área, nas duas escolas, totalizam cerca de 600 educadores. No Ensino Superior, as vagas iniciais foram conquistadas em 2002, na Uergs. As perspectivas acadêmicas, pelos convênios já firmados e em negociação, giram em torno de 300 vagas.

No final de dezembro último, a Uergs renovou

2006	POCHS	120 (anual)
* Convênio em estudo para possível oferta de vagas em 2006		

o convênio, assegurando os estudos em andamento, mas Tamar revela que não foram abertas mais turmas na Universidade Estadual. Com o IPA, as bolsas em filantropia deste ano devem ser ampliadas em 2006, com oportunidade de estudos em diversos cursos, não só de licenciatura. Na PUC, está em fase de negociação e ajuste a criação do curso de Pedagogia/Educação Infantil e em Anos Iniciais com referencial em Educação Popular. E o acerto mais recente foi estabelecido com o Instituto Superior de Educação do Sévigné (Ises), aberto em 2005, mas já oferecendo uma de suas 80 vagas para educador popular.

Convênios ampliam o acesso Intercâmbio e parcerias valorizam o Ensino

A recente abertura de vagas do programa federal ProUni, voltado a ampliação de estudos acadêmicos à população de baixa renda e trazendo a perspectiva de bolsas das instituições particulares, motivou a busca de novas parcerias privadas. Interessada em expandir a formação profissional, a Associação dos Educadores Populares de Porto Alegre (AEPPA) contabilizou sua primeira conquista em 2005. Em convênio com o IPA, obteve bolsas de filantropia em março último, para o curso de Pedagogia em séries Iniciais e,

gurada no recente Instituto Superior do Sévigné (Ises). A diretora do Ises, Vera Fátima Dullius, revela que uma reunião nesta quarta-feira deve selar o convênio. Satisfeita com a novidade, destaca que o Sévigné tem vocação histórica de formação de professores, com envolvimento e compromisso social junto às classes populares.

No Ises, além de mensalidade diferenciada, teoria ligada à prática, percepção co-

A realização de parcerias, iniciada com a rede pública, por meio de convênios com a Prefeitura de Porto Alegre, a partir de 2001; e, agora, com o envolvimento da esfera privada, com oferta de bolsas filantropia para a formação de educadores populares, sinaliza boas perspectivas. A capacitação profissional beneficia diretamente crianças e jovens com Ensino, atendimento esco-

lar, social ou extra-classe mais apropriado e qualificado.

Os avanços são festejados pela ex-secretária de Educação da Capital (Smed) e vereadora Sofia Cavedon, que participou e apoiou a trajetória dos educadores populares em busca de formação. Nas vagas para o Magistério, recorda que a parceria com a Smed nas duas escolas de Ensino Médio abriram caminho para um sonho maior por escolarização, transformado em vagas na Uergs, em 2002, e agora se concretizando em estudos acadêmicos também na rede particular. "O próximo desafio é a Universidade Federal do RS (Ufgrs)", projeta Sofia.

Com cerca de 1.700 educadores populares atualmente atuando na rede de Educação comunitária e de assistência conveniada com a Prefeitura, Sofia avalia que são estimuladores os estudos concluídos e em an-



DIVULGAÇÃO/CP

“ A gente não é voluntária. Trabalhamos e militamos. As nossas Pesquisas mostram que a educação que fazemos na comunidade é diferente da educação que nos ensinam na universidade. Precisamos de um curso diferente. Um curso que trabalhe a Educação Popular não como educação pobre. Precisamos de uma pedagogia que converse com a gente daqui”. (Diário de Pesquisa, Fernanda Paulo, 2012).





2.2 Educação popular em Paulo Freire: algumas notas aproximativas com a pesquisa participante

“Procurar o tema gerador é procurar o pensamento do homem sobre a realidade e a sua ação sobre esta realidade que está em sua práxis” (FREIRE, 1979, p. 18).

Em o livro *Pedagogia: diálogo e conflito* (1985) há passagens que versam acerca da Educação Popular como experiência e concepção. Com relação à experiência os autores mencionam a educadora Isabel Hernandez (Argentina) caracterizando-a como “uma andarilha da Educação Popular” (p.9). Depois, ao mencionarem a mesma autora rememoram “o caráter interdisciplinar do livro e de uma pedagogia dialógica” (p.10). Na segunda passagem temos características da Educação Popular (interdisciplinar) e a conceitua como *pedagogia dialógica* com perspectivas de classe e respeito às diferenças. Essas notas são próximas às características da Pesquisa Participante, a saber: 1) não é só observação participante porque pressupõe a dialogicidade; 2) É uma pesquisa social com abordagem qualitativa e interdisciplinar na construção de saberes políticos e críticos que façam sentido à vida. Ainda, neste livro os autores (Moacir Gadotti, Paulo Freire e Sérgio Guimarães), utilizam a referência de Oscar Jara com a sua obra “Concepção dialética da Educação Popular”, ratificando, assim, a concepção de Educação Popular com base freiriana.

Já no livro, *Conscientização: Teoria e Prática da Libertação - Uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire* (1979) identificamos a Educação Popular enquanto movimento e *participação* de “natureza política, social e cultural de mobilização e de conscientização.” (FREIRE, 1979, p. 10). Também, constatamos que o Movimento de Educação Popular pressupõe metodologias, participativas via os círculos *de cultura*. Esses apontamentos revelam que a Educação Popular é mais que uma metodologia porque presume formas de mobilização, formação e transformação social. Similarmente a esses livros, a Educação como prática da liberdade (1967) igualmente concebe a Educação Popular como movimento contra a manipulação dominante, utilizando-se dos Círculos de Cultura como meio de suscitar processos de libertação das classes populares.

Em nossa análise, o reconhecimento da Educação Popular como concepção de Educação Libertadora afirma a negação da relação sujeito-objeto na construção de saberes e fazeres no campo popular. Dessa maneira, as pesquisas participativas possuem uma relação



sujeito-sujeito na concepção da *teoria da ação dialógica* onde “os sujeitos se encontram para a transformação do mundo em colaboração” (FREIRE, 1987, p.96). A partir desses encontros a *compreensão da realidade social* é coletiva, problematizada, crítica e construída através de uma Pesquisa Participante que se destina a produzir conhecimentos mobilizadores e transformadores. Á vista disto, a Educação Popular freiriana, fundamento da Pesquisa Participante, busca a unidade entre a teoria e a prática na construção da *práxis libertadoras*.

A Pesquisa Participante deve, portanto, intervir na realidade das pessoas, modificando, no processo dialógico, as práticas sociais. E, deste modo, incorporando saberes com compromisso social. Essa dinâmica possibilita a investigação de *caráter político* com o compromisso assumido com os setores populares e com um projeto de sociedade que luta contra a pedagogia do opressor.

2.2 Pressupostos da investigação: a luta e resistência para a transformação

A utopia exige o conhecimento crítico. É um ato de conhecimento. Eu não posso denunciar a estrutura desumanizante se não a penetro para conhecê-la. Não posso anunciar se não conheço, mas entre o momento do anúncio e a realização do mesmo existe algo que deve ser destacado: é que o anúncio não é anúncio de um ante-projeto, porque é na práxis histórica que o anteprojetado se torna projeto (FREIRE, 1979, p.16).

Na aceção da Educação Popular freiriana não há neutralidade na produção do saber, pois a produção social e histórica dos conhecimentos faz parte da nossa existência e do projeto de sociedade imbricado neles. A epistemologia da resistência popular não esteve presente na construção do conhecimento, mas vem sendo questionada há décadas.

Em Freire (1987) ele expressa que a “conscientização não é apenas conhecimento ou reconhecimento, mas opção, decisão, compromisso” (p.5). Melhor dizendo, a conscientização é um ato político da prática educativa e a luta é uma categoria da libertação que tem por objetivo, a *recuperação da humanidade roubada* dos oprimidos (Freire, 1987).

Na maior parte dos casos, a Pesquisa Participante é realizada pelos Movimentos Sociais Populares, cujo trabalho de Educação Popular é realizado com a intenção de lutar: “pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoas [...]”. (FREIRE, 1987, p.16). Ou seja, a resistência popular vem na direção de



combater a desumanização, “resultado de uma ‘ordem’ injusta que gera a violência dos opressores e está, o ser menos”. (FREIRE, 1987, p.16).

A Pesquisa Participante pressupõe compreender que a esperança nos mobiliza contra as imposições dos neoliberais que “sustentam também que a ideologia acabou, que nada mais é ideológico. Esse discurso não torna velhos os nossos sonhos de liberdade e não deixa de ser menos justa a luta contra o autoritarismo”. (FREIRE; GADOTTI; GUIMARÃES, 1987, p. 10).

A investigação nesse processo de Pesquisa Participante embasada pela Educação Popular freiriana, é, portanto, um processo de educação libertadora. E, os processos metodológicos se dirigem a ações de *transformação social*.

Considerações finais

O texto nos faz refletir acerca das experiências de Pesquisas Participantes inspiradas na fundamentação da Educação Popular freiriana - originárias de uma epistemologia da resistência e da luta contra as práticas dominantes e opressoras da educação. Os Movimentos Sociais Populares, espaços de formação político-pedagógico, são um dos espaços potentes da realização das Pesquisas Participantes na concepção da Educação Popular. Reafirmamos que a Pesquisa Participante é uma opção metodológica de investigação da realidade e apresentamos dois princípios: *ação politizadora* e *palavra comprometida*. Salientamos quatro (4) pontos inerentes da Pesquisa Participante nos pressupostos da Educação enquanto luta e resistência. Esses apontamentos revelam princípios, dimensões e características necessárias no processo de investigação da realidade social. No Brasil, Paulo Freire e Carlos Rodrigues Brandão são referências importantes no tocante ao tema da Pesquisa Participante e da Educação Popular. Assim reafirmamos que a Educação Popular freiriana e a Pesquisa Participante são formas de lutas e resistências contra o projeto neoliberal que não implica a transformação social libertadora.

Os documentos (fotos e jornais) demonstram um contexto de lutas em que Educação Popular e Pesquisa Participante são opções teórico-metodológicas de resistência contra a Universidade tradição e excludente. As lutas das educadoras populares, organizadas em um movimento popular, comprovam que a mobilização política possibilita a reinvenção da



universidade. Ao ocupar a universidade fica o desafio de produzir epistemologias de resistência que vem ao encontro da Educação Popular revolucionária/libertadora/emancipadora.

Diante disto, é importante, indispensável e urgente recuperarmos a nossa trajetória, registrando essas experiências como parte complementar e necessária da continuidade da história da Educação Popular, a qual a Pesquisa Participante integra.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **A pergunta a várias mãos**. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. (org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

_____. (org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

_____. **A Pesquisa Participante e a partilha do saber: uma introdução**. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues e STRECK, Danilo Romeu (Orgs.). **Pesquisa Participante: o saber da partilha**. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

_____. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____.; NOGUEIRA, Adriano. **QUE FAZER teoria e pratica em educação popular**. Petrópolis: VOZES, 1993.

PAULO, Fernanda dos Santos. **Formação dos/as Educadores/as Populares de Porto Alegre Formados/as em Pedagogia: identidade, trajetória e desafios**. 2010. 79f. Monografia (Especialização). Pós-Graduação em Educação Popular: Gestão de Movimentos Sociais. Instituto Superior de Educação Ivoti & Instituto de Desenvolvimento Brava Gente, Porto Alegre.

_____. **A Formação do (as) educadores (as) populares a partir da Práxis: Um estudo de caso da AEPPA**. 2013. 273 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.